



PROFEPT

INSTITUTO FEDERAL
Sertão Pernambucano



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sertão Pernambucano



ENSINO PARA SURDOS:

Um olhar sobre estratégias metodológicas para o ensino de
alunos surdos no IF Sertão-PE.

NERI DA SILVA XAVIER

SALGUEIRO - PE
2020



INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO SERTÃO
PERNAMBUCANO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, INOVAÇÃO E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
CAMPUS SALGUEIRO

NERI DA SILVA XAVIER

Autora

Dr^a Luciana Cavalcanti de Azevedo

Orientadora

ENSINO PARA SURDOS:

Um olhar sobre estratégias metodológicas para o ensino de
alunos surdos no IF Sertão-PE.

Salgueiro

2020

EXPEDIENTE TÉCNICO

2020 - Instituto Federal de Pernambuco - Campus Salgueiro

Organização: Neri da Silva Xavier
Luciana Cavalcanti de Azevedo

Renan Makio Azevêdo Hirata
Projeto Gráfico

Renan Makio Azevêdo Hirata / Ana Claudia de Azevêdo Hirata
Designer da capa

ISBN 978-65-00-03049-5 .

Ficha Catalográfica

X3e Xavier, Neri da Silva
Ensino para surdos: um olhar sobre estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos no IF Sertão PE/ Neri da Silva Xavier II, 32f.

Produto Educacional parte da dissertação intitulada “O percurso dos estudantes surdos no ensino profissional e tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano” apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF Sertão PE) / Campus Salgueiro, Salgueiro, PE, 2020.

1. Aluno surdo 2. Ensino Profissional e Tecnológico 3. Educação inclusiva I. Título II. Xavier, Neri da Silva.

CDD 371.22

Ficha Catalográfica Elaborada pela Bibliotecária Naira Michelle Alves Pereira CRB 4/1891

Sumário

APRESENTAÇÃO	5
INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1. QUEM É O SUJEITO SURDO?	7
CAPÍTULO 2. PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES SURDOS.....	11
CAPÍTULO 3. RELAÇÃO PROFESSOR X INTÉRPRETE.....	19
CAPÍTULO 4. O ATENDIMENTO NO NAPNE.....	25
CAPÍTULO 5. SUGESTÕES.....	28
BIBLIOGRAFIA	31

Apresentação

Prezado Professor,

Esta cartilha é o reflexo de um amplo trabalho de pesquisa educacional sobre a educação de surdos, cujo objetivo é criar novos olhares sobre as estratégias de ensino para estes estudantes.

O desejo de construir esse material iniciou no decorrer das aulas do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica e desencadeou formalmente à medida que iniciamos a pesquisa com alunos surdos e professores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IF SERTÃO-PE).

A nossa proposta não é oferecer modelos prontos de aulas para disciplinas específicas, mas sim apresentar sugestões metodológicas que podem ser utilizadas em todas as áreas, de forma que as aulas ministradas por estes, respeitem as singularidades de apreensão e construção de sentidos dos estudantes surdos e que as sugestões elencadas neste material possam caracterizar-se na prática destes professores.

Este Produto Educacional faz parte da minha dissertação intitulada: **O percurso dos estudantes surdos no Ensino Profissional e Tecnológico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano**, que reflete o desejo de contribuir para uma educação verdadeiramente inclusiva para estes estudantes dentro de cada *Campi* do IF Sertão - PE.

Enfim, esta cartilha traz sugestões de práticas de ensino que explora a questão da pedagogia visual, relação professor e intérprete, encaminhamentos para NAPNE, bem como, sugestões de filmes e livros, que te ajudarão no momento de planejar aulas para as turmas que tem alunos surdos inclusos.

Esperamos que este material desperte você a querer conhecer mais o indivíduo surdo, as problemáticas e singularidades do mesmo e principalmente como melhorar seu atendimento aos alunos surdos.

Neri da Silva Xavier

INTRODUÇÃO

Ensinar ao aluno surdo tem se mostrado um desafio ao longo dos anos. E isso se reflete nas dificuldades que estes apresentam ao longo de sua escolaridade. Daí a necessidade de pensarmos novas estratégias, de percorrer novos caminhos, ver esse aluno e perceber que o mesmo demanda estratégias inerentes aos aspectos da visualidade e, por fim, seus aspectos linguísticos e formas de apreensão do conhecimento. Mas o que é necessário para que isto aconteça? Que caminhos os professores devem percorrer? Que estratégias devem utilizar?

Para Lacerda *et al* (2018) “A escola, em geral, está presa ao texto didático como caminho único para a apresentação de conceitos, e este caminho tem se mostrado pouco produtivo quando se pensa na presença de alunos surdos em sala de aula”. Mas como preparar aulas que contemplem os aspectos da visualidade dos estudantes surdos? Para estes autores, se o professor introduzir no seu planejamento diário estratégias de ensino que promovam os aspectos visuais, como um trecho de filme, mapas conceituais e uma boa apresentação de *slides*, adotará bons exemplos de aulas que podem favorecer a aprendizagem destes estudantes.

Pensando nisso, desenvolvemos esta cartilha que está organizada da seguinte forma: No capítulo 1 são apresentadas algumas particularidades do surdo, o que faz parte da sua cultura e comunidade. No capítulo 2 trazemos algumas estratégias de ensino voltadas para o aluno surdo, que podem ser utilizadas nas salas de aulas. O objetivo é ajudar estes alunos a compreenderem melhor o que está sendo trabalhado pelos professores e assim obterem um melhor desempenho. No capítulo 3, te daremos dicas e sugestões de alianças entre o professor e intérprete, compreendendo que o planejamento colaborativo pode favorecer nas escolhas e identificação das melhores estratégias. No capítulo 4 elencaremos algumas atividades que podem ser desenvolvidas pelo NAPNE e concluiremos com algumas sugestões de filmes e livros que te ajudarão a conhecer melhor as particularidades do indivíduo surdo.

Desejamos que no final desta leitura os docentes avaliem de forma criteriosa as estratégias e os recursos metodológicos utilizados por si mesmos, até o momento, e encontrem neste material um apoio para seu planejamento de aula, no intuito maior de desenvolver uma educação de qualidade para os estudantes surdos.

CAPÍTULO 1

QUEM É O SUJEITO SURDO?

Caro professor, vamos iniciar com a seguinte reflexão: **“O primeiro artefato cultural do sujeito surdo é a experiência visual e o segundo é a língua de sinais”** (STROBEL, 2018). Parece intrigante? Sim, o é, mas teremos a oportunidade de discorrermos sobre essa afirmativa e tirarmos nossas conclusões.

Para discorrer sobre um tema QUEM É O SUJEITO SURDO, é importante compreender o conceito da palavra SURDO, como também entendermos, que por consequência de preconceitos, as pessoas surdas muitas vezes são tachadas de analfabetas, como aconteceu com Strobel, autora surda, que relata no seu livro “as imagens do outro sobre a cultura surda” um fato que aconteceu em sua vida.

“Eu, junto de um grupo de alunos surdos que passaram no vestibular para Letras/Libras, conversava com uma assistente social da universidade para vermos alojamento para eles; elucidei a ela que sou doutoranda, e eles alunos da graduação; finalizei explicando o motivo de estar lá; a assistente social pegou papel para fazer cadastro e perguntou para nós: “vocês sabem ler?”. Abismada, expliquei de novo que sou doutoranda e que eles têm graduação; ela repetiu a pergunta... Irritei-me: “pensa que somos analfabetos?” (STROBEL, 2018).

Veja o significado de surdo em um dicionário *online*:

SURDO

Privado, mais ou menos completamente, do sentido da audição: torna-se surdo. Indivíduo que não ouve, que sofre de surdez.

(dicionário *online* de Português)



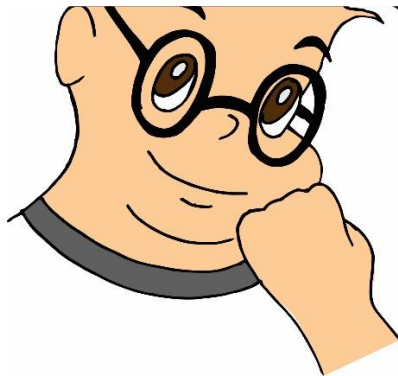
VOCE
SABIA?

Na Roma Antiga, 476 d.C, as pessoas surdas eram castigadas, enfeitizadas ou jogadas no rio Tevere. Já no Egito e Pérsia, os surdos eram considerados criaturas privilegiadas enviados dos deuses (GOES E CAMPOS, 2018).

Mas e agora, como o sujeito surdo é visto?

O surdo é aquele que apreende o mundo por meio de contatos visuais, que é capaz de se apropriar da língua de sinais e da língua escrita e de outras, de modo a propiciar seu pleno desenvolvimento, cognitivo, cultural e social. (CAMPOS, 2018).

Para refletir...



Quais características você considera comuns às pessoas surdas?

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-

Pronto!!! Depois de respondido, vamos entender um pouco mais sobre esse assunto:

Libras

- É a língua natural do povo surdo brasileiro. A Língua Portuguesa é a segunda Língua (L2)
- Tem gramática própria.
- Foi reconhecida pela Lei 10.436 de 24/04/2002
- A Lei 12.319 de 01/09/2010 reconhece a profissão de tradutor e intérprete de Libras.
- A língua de Sinais não é Universal, cada país tem a sua própria como acontece com as línguas orais.

Comunidade Surda

- É o lugar em que as pessoas surdas se encontram e compartilham dos mesmos desejos, esperanças, problemas e conquistas.

Cultura surda

- São os mecanismos compensatórios que os surdos usam como: o despertador e/ou celular que vibra, a campainha que aciona a luz, mensagens de texto em vez de ligações, o tipo de piada que se conta, etc.

(LACERDA , et al. 2018)

Fique de olho!!



Mitos sobre esse assunto

- 1 – A língua de sinais seria uma mistura de pantomima e gesticulação concreta, incapaz de expressar conceitos abstratos.
- 2 – Haveria uma única e universal língua de sinais usada por todas as pessoas surdas.
- 3 – Haveria uma falha na organização gramatical da língua de sinais que seria derivada das línguas de sinais, sendo um pidgin sem estrutura própria, subordinado e inferior às línguas orais.
- 4 – A língua de sinais seria um sistema de comunicação superficial, com conteúdo restrito, sendo estética, expressiva e linguisticamente inferior ao sistema de comunicação oral.
- 5 – As línguas de sinais derivariam da comunicação gestual espontânea dos ouvintes (QUADROS; KARNOPP, 2004 apud BARROS, 2019).

Voltemos a nossa reflexão inicial: **“O primeiro artefato cultural do sujeito surdo é a experiência visual e o segundo é a língua de sinais...** (Strobel, 2018). O que você entende? Para te ajudar vamos passar alguns conceitos:

Na vida cotidiana os surdos adquirem e operam gradativamente os signos visuais como alguma coisa muito íntima, despertando a sua consciência interna, já no momento do nascimento e do desenvolvimento da linguagem, como uma vara mágica ao tocar na sua cabeça. Os signos visuais, com os próprios olhos, são como uma música visual, assim como os ouvintes quando ouvem os primeiros sons (CAMPELLO, 2008).

Experiência visual significa a utilização da visão, em substituição total à audição, como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN e MIRANDA, 2003, apud STROBEL, 2018).

O uso de Libras nos diversos espaços da sociedade e sua oficialização garantiu ao surdo o direito de se expressar. Esta ideia pode parecer absurda, entretanto, o que acontecia é que esses sujeitos não eram ouvidos nem percebidos na sociedade; sua língua era menosprezada e isso refletia no seu ser enquanto sujeito, enquanto cidadão. (BARROS, 2019).

Sugestões de filmes para entender melhor a pessoa surda

<https://www.librasol.com.br/10-filmes-para-quem-quer-entender-melhor-sobre-surdos/>

CAPÍTULO 2

PRÁTICAS DE ENSINO PARA ESTUDANTES SURDOS

“A escola, em geral, está presa ao texto didático como caminho único para a apresentação de conceitos, e este caminho tem se mostrado pouco produtivo quando se pensa na presença de alunos surdos em sala de aula” (LACERDA *et al*, 2018).

Vamos conversar sobre isso...

Vimos no capítulo anterior que **“A língua de sinais é uma das principais marcas da identidade de um povo surdo”** (STROBEL, 2018). Entende-se então que trabalhar com aspectos da visualidade para os surdos é uma possibilidade para ampliar a aprendizagem destes, porém, exige das instituições de ensino um esforço que ultrapassa as metodologias didáticas planejadas pelo professor, é uma junção de metodologias adequadas, acessibilidade linguística (presença de intérprete) e acessibilidade curricular.

Essa centralidade da visualidade precisa, na educação de surdos, perpassar pela elaboração do currículo, pelas estratégias didáticas, pela organização das disciplinas, com envolvimento de elementos da cultura artística, da cultura visual, do desenvolvimento da criatividade plástica e visual pertinentes as áreas visuais, além do aproveitamento dos recursos de informática, fortemente visuais, favorecendo, assim, uma valorização da concepção de mundo constituída por meio da subjetividade e da objetividade com as “experiências visuais” dos alunos (LACERTA *et.al*. 2018).

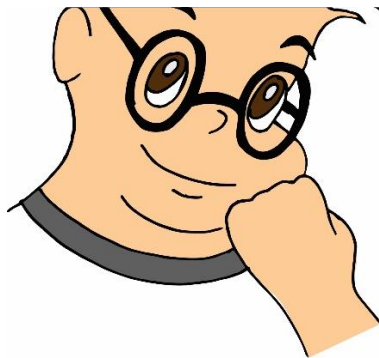
Veja no trecho abaixo retirado de um livro publicado por Strobel uma passagem de sua infância que nos retrata a importância da experiência visual para conhecimento de mundo para uma pessoa surda.

Uma vez a empregada doméstica estava lavando o quintal no fundo de casa e eu ficava sentada observando a água suja de lama e sabão correndo pelo bueiro. No meio desta sujeira estava um bicho estranho, de mais ou menos uns seis centímetros, que estava morto. Assustei-

me porque o associava com o bicho que vi na televisão noutro dia, jacaré enorme que comia as pessoas e tive muitas noites de insônia, com medo da existência desse bicho no nosso quintal e que viria me pegar e me comer. Só agora eu entendo que não era jacaré, e sim simplesmente uma lagartixa. Não havia ninguém que me informasse sobre isto (STROBEL, 2018).

Você consegue notar na fala da autora alguma particularidade inerente à pessoa surda? Você consegue visualizar as necessidades específicas que estas pessoas necessitam para apreenderem ou estabelecerem uma relação entre algumas informações? Concorda que a experiência visual é importante para a pessoa surda?

Para refletir...



Faça uma breve reflexão sobre o desempenho de seu estudante surdo. Existem dificuldades comuns entre estes? Quais?

1-

2-

3-

4-

Pronto!!! Depois de respondido, vamos entender um pouco mais sobre esse assunto:

Apesar de não haver um levantamento exaustivo sobre o desempenho escolar de pessoas surdas brasileiras, os profissionais e a sociedade surda reconhecem as defasagens escolares que impedem o adulto surdo de competir no mercado de trabalho. Nas escolas brasileiras, é comum terem surdos com muitos anos de vida escolar nas séries iniciais sem uma produção escrita compatível com a série (QUADROS, 1997).

VOCÊ SABIA?

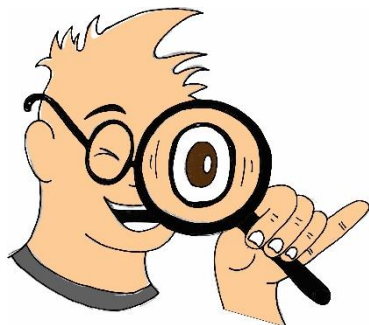
Essa centralidade da visualidade precisa, na educação de surdos, perpassar pela elaboração do currículo, pelas estratégias didáticas, pela organização das disciplinas, com envolvimento de elementos da cultura artística, da cultura visual, do desenvolvimento da criatividade plástica e visual pertinentes as áreas visuais, além do aproveitamento dos recursos de informática, fortemente visuais, favorecendo, assim, uma valorização da concepção de mundo constituída por meio da subjetividade e da objetividade com as “experiências visuais” dos alunos. (LACERDA *et.al.* 2018).



Apropriar-se da linguagem escrita exige da criança um alto grau de abstração em relação ao mundo e aos objetos, alcançado, unicamente, no decorrer do desenvolvimento da libras (LODI, 2018).

Para a autora supracitada **“a escrita é assim entendida como uma linguagem do pensamento, nas ideias, estabelecendo, desse modo, uma relação com a linguagem interior construída no processo de apropriação da primeira língua.”** Compreendemos, nesse sentido, que para que o estudante surdo seja alfabetizado na Língua Portuguesa (L2) na modalidade escrita é necessário metodologias advindas do artefato cultural do povo surdo e, sobretudo, que considere a Libras como língua materna do surdo. A criança surda ao nascer tem sua língua materna (Libras) que será desenvolvida através das interações sociais com pessoas que dominem a língua (familiares, comunidade surda, professor de libras, etc.).

Fique de olho!



Quando um bebê nasce surdo, ele desenvolve inicialmente as mesmas fases de linguagem que um bebê ouvinte: grito de satisfação, choro de dor e fome, sons sem significados, até mais ou menos seis meses de idade. Quando chega a fase de balbúcio é que começa a ser diferenciado de outro. Porque o bebê ouvinte, podendo ouvir os sons do ambiente ao redor de si, tenta se comunicar emitindo sons, enquanto o bebê surdo, não ouve sons do ambiente e, por isto, as primeiras “palavras” não surgem. Conseqüentemente, fica com a aquisição de linguagem atrasada e limitada por falta de continuidade e acesso aos conhecimentos e informações externas (STROBEL, 2018).

Mas quais são as práticas, estratégias ou atividades que ajudam o aluno a abstrair melhor as informações?

Vimos nas informações anteriores que as pessoas surdas desenvolvem muito seu senso visual. Portanto, todas as dicas dadas nesta cartilha estão relacionadas ao conceito da “semiótica imagética”.



**VOCE
SABIA?**

A semiótica imagética é o campo que explora a visualidade como aspecto da cultura surda e a cultura do olhar, daquilo que pode ser apreendido pela experiência visual (LACERDA et. al., 2018).

Os autores supracitados escreveram um artigo “Estratégias Metodológicas para o ensino de alunos surdos”. Neste artigo os autores destacam a temática pedagogia visual. Eles afirmam que **“A pedagogia visual é uma área do conhecimento que procura acompanhar os avanços tecnológicos e sociais, e entre eles está atenta às tendências da chamada Sociedade da Visualidade”**.

Vejamos abaixo os aspectos da visualidade presentes em algumas disciplinas, conforme os autores supracitados:

Disciplinas	Atividades
Educação artística	Propostas direcionadas para arte e cultura, voltadas para o desenvolvimento da criatividade plástica e imagética. Como também dança, teatro, fotografias, entre outras.
Comunicação	Didáticas específicas voltadas para a expressão, comunicação visual.
Informática	Criação de programas pedagógicos com finalidades educacionais e etc..
História	Fotografias, trecho de um filme, jornais.
Geografia, História, Ciências, Física, Química, Biologia, matemática, inglês, Língua Portuguesa, Filosofia etc.	Maquetes, mapas, gráficos, fotografias, vídeos, um pequeno trecho de um filme, mapas conceituais, slides, pesquisa de campo e etc..

Adaptado pela autora do livro “tenho um aluno surdo e agora?” Lacerda et. al., 2018 págs.186 a 189)



**VOCE
SABIA?**

A teoria dos mapas conceituais foi desenvolvida por Joseph Novak nos anos 1970, e define o mapa conceitual como uma ferramenta para organizar e representar conhecimento, ou seja, configura-se como uma representação gráfica em duas dimensões de um conjunto de conhecimentos construídos de tal forma que as relações entre eles sejam evidentes (LACERDA et. al, 2018).

Observando assim, podemos dizer: nossa, só isso? Mas é o que já faço! Ótimo, porém para uma grande parcela de professores, planejar uma aula pensando no estudante surdo é bem complicado. Vejam só este trecho do livro “Tenho um aluno surdo e agora” dos autores Lacerda *et. al* (2018).

Os futuros professores de Biologia prepararam aulas para alunos surdos e as apresentaram a uma professora surda. Posteriormente, esta professora (P) foi entrevistada sobre sua opinião a respeito das aulas e dos recursos utilizados. Durante a entrevista, a referida professora dá indícios de que a qualidade dos recursos visuais não foi um problema, pois distribuiu elogios a todas as apresentações neste quesito: “A apresentação dos slides, eu entendi que estavam bem organizados, perfeito”. Todavia, ela destaca que não adianta ter apresentações visuais boas se não se sabe aproveitá-las: “faltou explicação. Somente copiou o que já estava apresentado na imagem.

Ficou claro que os professores precisam pensar nas melhores estratégias para apresentar determinados assuntos a estudantes surdos e que a explicação, os detalhes e o planejamento prévio das aulas é fundamental.

Veamos a seguir algumas possibilidades de práticas de ensino que podem ser utilizadas por professores de diversas disciplinas:

Trechos de filmes



- Os recursos das obras cinematográficas podem ser bastante proveitosos para sensibilizar os estudantes, para dar origem ao tema escolhido e a partir daí gerar discussões com a turma, usar recursos das imagens para que os estudantes surdos percebam o tempo histórico, o cenário, vestuário, a diversidade cultural, efeitos etc...
- Cuidado!! Procurem sempre usar filmes com legendas.

Imagens



- Está comprovada através de inúmeras pesquisas que o trabalho com imagens (pinturas, desenhos, fotografias, diagramas, gravuras, filmes, entre outras) ajudam o estudante surdo pensar com significado, construir e interpretar de forma mais clara aquilo que está sendo estudado. Isto porque sabemos, que apesar do grande avanço da Libras, ainda existem muitos termos técnicos que não existe sinal aprovado pela comunidade surda.

TIC's



- As tecnologias são importantes, pois permitem as pessoas surdas entrarem no mundo digital, como também melhorar sua socialização. Com o uso da internet, por exemplo, o surdo pode encontrar textos, imagens, produzirem efeitos visuais, conversar por chamadas de vídeos (usando a língua de sinais), conversar por mensagens de texto (aprimorando a escrita da Língua Portuguesa) através de sites de conversas e relacionamento como MSN, WhatsApp e ICQ, e utilizar softwares educativos e aplicativos direcionados a comunidade surda.

Charges, tiras e histórias em quadrinhos



- Estes tipos de recursos tem uma boa aceitação para os estudantes surdos, pois além de trazerem imagens e textos mais curtos e objetivos, possuem uma linguagem caricatural que chama a atenção dos leitores. Além de tudo podem desenvolver a argumentação crítica dos alunos surdos.

Jornais e revistas



- Estes recursos podem ser utilizados pelos professores para relacionar os conteúdos trabalhados em sala com reportagens informadas pela mídia, ligadas ao cotidiano do aluno para que, assim, ele possa vislumbrar as modificações que estão acontecendo no mundo e no seu próprio país.

Músicas



• Trabalhar músicas nas salas de aulas é interessante porque as mesmas sempre trazem algum assunto que pode ser abordado e relacionado com as temáticas trabalhadas em sala. Por mais curioso que seja, os surdos também podem se beneficiar com estes recursos. Porém os professores precisam ficar ligados na escolha da música e passar com antecedência a letra para o intérprete para que estes possam traduzir facilmente (em libras) e fazer as entonações corretas dos sinais, pois uma boa interpretação vai ajudar os estudantes surdos a entender e sentir melhor a mensagem da música.

Mapas conceituais



• Pode ser utilizado pelo professor em uma abordagem inicial do conteúdo. Como este recurso se apoia na organização visual dos conceitos, podem favorecer na compreensão e elaboração dos conhecimentos.

Aulas de campos



• As aulas de campo além de segurar a atenção dos alunos podem favorecer a melhoria da relação dos alunos entre si e também com os professores. Está em contato direto com produto do estudo, fazendo uso de todos os sentidos, poderá favorecer estes estudantes a apreender o tema melhor e ficar mais a vontade para tirar suas dúvidas com o professor.

Atividades Lúdicas



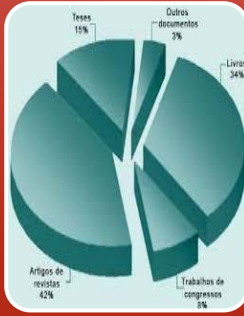
• As atividades lúdicas estimulam os estudantes a participarem das aulas. O importante é diversificar os jogos e relacioná-los ao assunto trabalhado. Outra dica é passar com antecedência as informações necessárias para os intérpretes, como por exemplo, as regras do jogo e do conteúdo trabalhado, para que estes possam se preparar com antecedência, estudando os sinais técnicos inerentes aos conteúdos e a atividade lúdica, no intuito de que o aluno surdo não saia prejudicado pela falta de informações.

Materiais concretos



• O uso de materiais concretos estimula os estudantes surdos a aplicarem as teorias formuladas às atividades, desenvolvendo a criatividade dos mesmos, ajudando-os a analisar e entender o funcionamento dos mais diversos mecanismos físicos e principalmente para contribuir com que estes organizem suas ideias a partir de uma lógica mais sofisticada de pensamento.

Gráficos, tabelas, quadros e mapas



• Estes recursos melhoram a leitura do conteúdo já que apresentam as informações de maneira visual. Porém, é preciso ter o cuidado em utilizar o recurso mais adequado para cada tipo de informação, tendo em mente que quanto mais informações você utilizar mais complicado são.

Imagens capturadas do google imagens: <https://www.google.com/imghp?hl=pt-BR>

E então, o que achou destas dicas? Você as usa em seu dia a dia nas turmas com estudantes surdos? Se não, nunca é tarde para começar!!

Sugestão de livro para entender melhor seu aluno surdo e as melhores estratégias de ensino para ele.

TENHO UM ALUNO SURDO, E AGORA?

Autoras: Cristina Broglia Feitosa de Lacerda e Lara Ferreira dos Santos

CAPÍTULO 3

RELAÇÃO PROFESSOR X INTÉRPRETE

O reconhecimento da libras como língua veio através da Lei Federal nº 10.436, de 24 de abril de 2002, regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 que prevê a oferta obrigatória do ensino da libras desde a educação infantil, considerando a língua portuguesa como L2 para estudantes surdos.

Art. 3 A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (BRASIL, 2005).

Apenas em 2010 foi aprovada a Lei nº. 12.319, de 1º de setembro de 2010, que regulamenta a profissão dos Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais (TILS).

Mas, afinal qual o papel dos Intérpretes de Língua de Sinais? Abaixo seguem algumas definições possíveis para ajudar você a entender um pouco melhor sobre o papel desse profissional.

Sua função é de viabilizar a comunicação entre surdos e ouvintes, atuando na fronteira entre os sentidos da língua oral (português) e da língua de sinais em um processo ativo, dinâmico e dialético (KOTAKI e LACERDA, 2018).

O intérprete realiza o importante trabalho de estabelecer uma ponte entre professor e alunos surdos e/ou entre alunos ouvintes e alunos surdos; considerando o processo de comunicação entre a língua portuguesa (modalidade oral da língua) e Libras (modalidade visual da língua). Esse profissional realiza a tradução de ambas as línguas no espaço da sala de aula com o objetivo de dar condições de acessibilidade comunicacional para estudantes surdos presentes (BARROS, 2019).

O intérprete não substitui a função do professor da sala, pois este apenas fará a mediação da comunicação do professor e alunos ouvintes com o surdo (NEHLS, 2019).

É absolutamente necessário entender que o tradutor intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papéis são, absolutamente, diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior (DAMÁZIO, 2007).

Mas afinal, qual deve ser a conduta ética do Intérprete de Libras no exercício de sua profissão? Vamos dar uma verificada no que está prescrito no Código de Ética do Intérprete?

- a) confiabilidade (sigilo profissional);
- b) imparcialidade (o intérprete deve ser neutro e não interferir com opiniões próprias);
- c) discrição (o intérprete deve estabelecer limites no seu envolvimento durante a atuação);
- d) distância profissional (o profissional intérprete e sua vida pessoal são separados);
- e) fidelidade (a interpretação deve ser fiel, o intérprete não pode alterar a informação por querer ajudar ou ter opiniões a respeito de algum assunto, o objetivo da interpretação é passar o que realmente foi dito).(MEC, 2004).

Esta conduta também está expressa na Lei Nº 12.319, de 01 de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais.

Art. 7º O intérprete deve exercer sua profissão com rigor técnico, zelando pelos valores éticos a ela inerentes, pelo respeito à pessoa humana e à cultura do surdo e, em especial:

I - pela honestidade e discrição, protegendo o direito de sigilo da informação recebida;

II - pela atuação livre de preconceito de origem, raça, credo religioso, idade, sexo ou orientação sexual ou gênero;

III - pela imparcialidade e fidelidade aos conteúdos que lhe couber traduzir;

IV - pela postura e conduta adequadas aos ambientes que frequentar por causa do exercício profissional;

V - pela solidariedade e consciência de que o direito de expressão é um direito social, independentemente da condição social e econômica daqueles que dele necessitem;

VI - pelo conhecimento das especificidades da comunidade surda.

Mesmo tendo conhecimento de qual deve ser o papel do intérprete no exercício de sua profissão, quando se trata do intérprete que atua na educação, seu papel muitas vezes se confunde. Vejamos abaixo algumas situações que acontece na rotina diária: professor – aluno – intérprete.

- ✓ *Os alunos surdos fazem perguntas (quando tem dúvidas) ao intérprete e não ao professor.*
- ✓ *O professor, muitas vezes, delega ao intérprete a responsabilidade da aprendizagem do estudante surdo.*
- ✓ *O professor quando tem dúvidas se o aluno aprendeu ou não, pergunta ao intérprete e não diretamente ao estudante surdo.*
- ✓ *Os familiares muitas vezes recorrem ao intérprete e não aos professores para saberem sobre o desempenho do filho.*

Diante desses fatos, em no portal do MEC (p. 61-62, 2004) apresentam-se alguns elementos sobre o intérprete de língua de sinais em sala de aula que devem ser considerados:

- ✓ Em qualquer sala de aula, o professor é a figura que tem autoridade absoluta.
- ✓ Considerando as questões éticas, os intérpretes devem manter-se neutros e garantirem o direito dos alunos de manter as informações confidenciais.
- ✓ Os intérpretes têm o direito de serem auxiliados pelo professor através da revisão e preparação das aulas que garantem a qualidade da sua atuação durante as aulas.
- ✓ As aulas devem prever intervalos que garantem ao intérprete descansar, pois isso garantirá uma melhor performance e evitará problemas de saúde para o intérprete.
- ✓ Deve-se também considerar que o intérprete é apenas um dos elementos que garantirá a acessibilidade.

Fique de olho!



Os alunos surdos participam das aulas visualmente e precisam de tempo para olhar para o intérprete, olhar para as anotações no quadro, olhar para os materiais que o professor estiver utilizando em aula. Também, deve ser resolvido como serão feitas as anotações referentes ao conteúdo, uma vez que o aluno surdo manterá sua atenção na aula e não disporá de tempo para realizá-las. Outro aspecto importante é a garantia da participação do aluno surdo no desenvolvimento da aula através de perguntas e respostas que exigem tempo dos colegas e professores para que a interação se dê. A questão da iluminação também deve sempre ser considerada, uma vez que sessões de vídeo e o uso de retroprojetor podem ser recursos utilizados em sala de aula. (MEC, 2004).

Então fique de olho nestas dicas...

Não faça anotações no quadro e explique ao mesmo tempo;

Aprenda o nome dos seus alunos surdos;

Faça contato físico com seu aluno surdo;

Se for fazer uma pergunta a seu aluno surdo, dirija-se diretamente a ele e não ao intérprete.

Tente aprender algo em libras seu aluno vai se sentir muito feliz.

Lembre-se o aluno é seu e não do intérprete.

E quanto ao planejamento? Como deve ser?

Primeiramente é preciso que entendamos que para garantir a inclusão e a participação dos estudantes surdos é preciso haver a compreensão de que todos os envolvidos na comunidade escolar fazem parte desse processo. Conforme Oliveira,

Desse modo, uma escola com pressupostos inclusivos necessariamente deve estar pautada em uma ação coletiva e se propor à reflexão permanente. Vivendo no “princípio da incerteza” como tudo na sociedade contemporânea, necessita de instrumentos que viabilizem este vir-a-ser contínuo. Entre esses instrumentos que possibilitam a efetivação de uma proposta educacional inclusiva, levando em consideração o que se argumentou até o momento, particularmente em relação à formação continuada do educador nesse processo, apontamos o diálogo no ambiente escolar como um recurso mais provável para a efetivação da formação profissional permanente, construída coletivamente (OLIVEIRA, 2009, apud Barros, p. 34).

Compreende-se então que diante do princípio da inclusão, estreitar os laços entre professor e intérprete é extremamente importante, quando se trata da aprendizagem do estudante surdo. Veja estes trechos a seguir extraídos de uma pesquisa realizada pelos autores *Kotaki e Lacerda (2018, págs. 214 - 2015)* sobre a temática:

“Frequentemente, as metodologias de ensino utilizadas pelos professores não favorecem o aprendizado dos alunos surdos, pois são pensadas e direcionadas para alunos ouvintes”.

“A escolha de uma metodologia adequada é fundamental para o estabelecimento de um ambiente favorável ao aprendizado que contemple a todos, atendendo às especificidades de cada aluno”.

“Estabelecer parcerias com os professores favorece o trabalho do intérprete, uma vez que o conhecimento prévio dos conteúdos permite um melhor planejamento e a criação de estratégias que facilitem o ato de interpretar”.

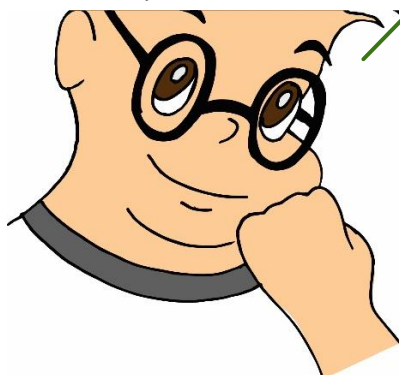
“A proximidade do professor amplia as possibilidades de um trabalho colaborativo, existindo abertura para discussões sobre possíveis adaptações, troca de informações e de ideias para melhorar trabalho em sala de aula”.

Resumindo...

Vimos que uma estreita relação entre professor e intérprete permite:

- 1º • Escolha de metodologias que contemplem as especificidades linguísticas dos estudantes surdos.
- 2º • A antecipação do planejamento ao intérprete permite que este tenha um tempo adequado para estudar sinais técnicos e escolher as melhores estratégias de interpretação.
- 3º • No planejamento colaborativo há a possibilidade de adaptações curriculares ou de recursos.

Para refletir...



Diante dos fatos que foram expostos, ao se deparar com um aluno surdo em sala de aula, quais serão suas atitudes no ato de planejar?

- 1-
- 2-
- 3-
- 4-

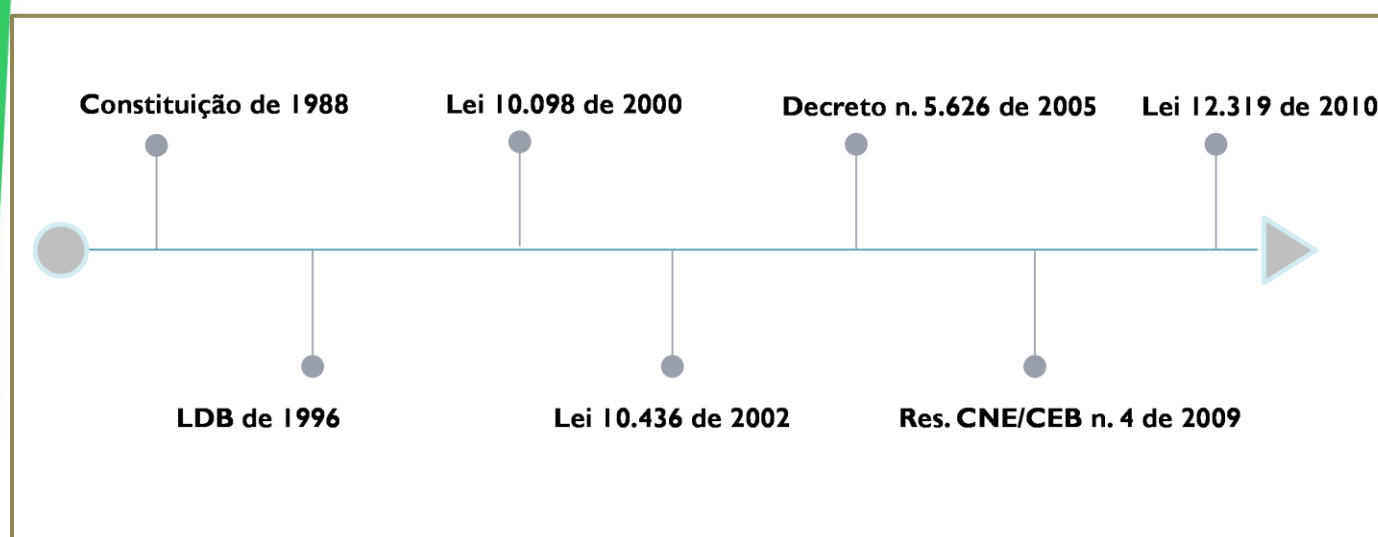
Figura 1: Ponto de interrogação

Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/pergunta-ponto-de-interroga%C3%A7%C3%A3o-ajuda-2309037/>

CAPÍTULO 4

O ATENDIMENTO NO NAPNE

Vamos observar alguns marcos legais relacionados à educação inclusiva?



Vimos no decorrer desses estudos alguns marcos legais elencados acima, porém neste capítulo vamos nos focar no **Decreto Presidencial Nº 6.571 de setembro de 2008** que trata do Atendimento Educacional Especializado, o AEE.

O atendimento educacional especializado – AEE é o conjunto de atividades, recursos da acessibilidade e pedagógicos organizados institucionalmente, prestado de forma complementar ou suplementar à formação dos alunos no ensino regular (MEC/SEESP, 2008).

Como se efetiva esse atendimento na Rede Federal?

Na rede federal, a inclusão dos estudantes com deficiência se deu a partir do programa TEC NET, criado em 2000 pela Secretaria de Educação Profissional e

Tecnológica – SETEC, juntamente com a Secretaria de Educação Especial (SEESP/MEC)¹ conforme Barros (2018).

No contexto brasileiro de expansão do ensino, a política educacional, visando à inclusão na Rede Federal no ano de 2000 a ação TEC NEP (Tecnologia, Educação, Cidadania e Profissionalização para as Pessoas com Necessidades Específicas) começam a ser implantadas, através das Secretarias de Educação Tecnológica e Secretaria de Educação Especial, as duas secretarias do Ministério da Educação (MEC). Esta implantação buscava garantir às pessoas com necessidades específicas o êxito no acesso, permanência e saída dos cursos de nível médio, subsequente e superior (BARROS, 2018).

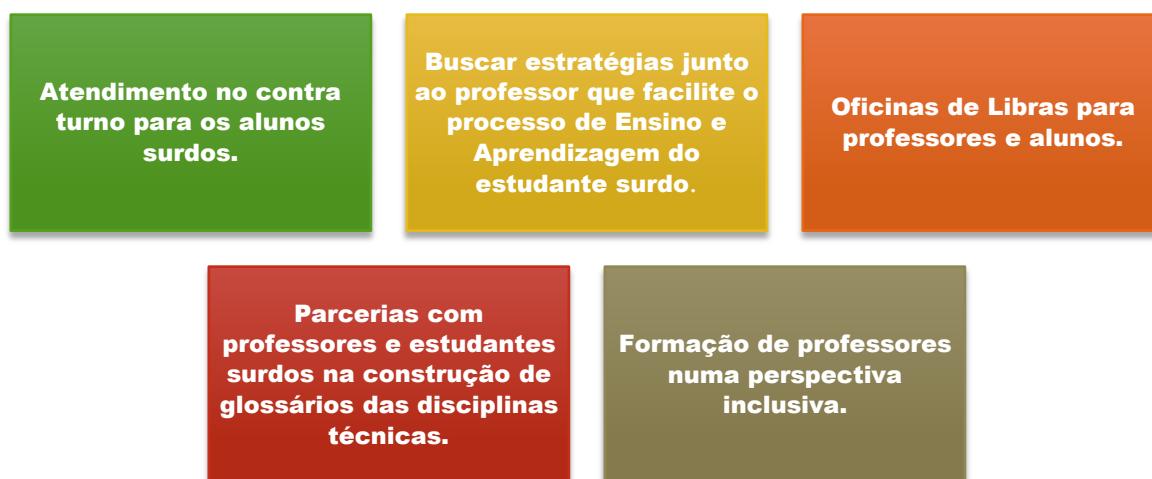
Assim, entre as ações do TEC NET foi instituído em todos os *Campi* dos Institutos Federais, conforme Portaria nº 264, de 10 de maio de 2012 o Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), que “buscam atender as pessoas que necessitam de políticas de inclusão com finalidade de ampliar possibilidades de êxito e permanência destes discentes na instituição”. (PDI IF Sertão-PE, 2019 – 2023).

Ao Programa vinculado ao NAPNE compete:

- I – identificar os estudantes com necessidades educacionais específicas em cada *Campus* por meio da participação em reuniões pedagógicas, conselhos de classe, contato com as coordenações de curso, familiares dos estudantes, entre outras;
- II – assegurar o atendimento ao estudante com necessidades educacionais específicas;
- III – fornecer recursos pedagógicos, metodológicos e tecnológicos alternativos aos estudantes e professores, a fim de facilitar o processo de ensino e aprendizagem, a convivência com a diversidade e o desenvolvimento profissional do estudante;
- IV – oferecer suporte para a implantação de medidas de acessibilidade nos *Campi* do IF Sertão-PE de modo a garantir o acesso destes estudantes aos vários espaços acadêmicos da instituição;
- V – fomentar projetos de pesquisa e extensão que envolvam estudantes com necessidades específicas;
- VI – realizar eventos ordinários e extraordinários, como campanhas de sensibilização, seminários, palestras, rodas de conversa, cursos de extensão e formações sobre inclusão e acessibilidade para implantação, divulgação e fortalecimento da Política de Assistência aos Estudantes com Necessidades Educacionais Específicas. (PDI IF Sertão-PE, 2019 – 2023).

¹ Secretaria já extinta.

Agora sim, tendo relembado essa base legal e refletindo sobre os objetivos propostos para o NAPNE, você deve ter notado que entre as atribuições do NAPNE, a principal delas é desenvolver ações que visem a inclusão dos estudantes com deficiência. Tratando-se especificamente de estudantes surdos o NAPNE pode desenvolver:



Vejamos agora relatos de projeto realizado no IF Sertão-PE, campus Salgueiro-PE, na construção de glossário em Libras na área de Tecnologia em Alimentos.

O presente trabalho teve como objetivo a criação de novos sinais na Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS para as terminologias técnicas utilizadas nos cursos de Tecnologia em Alimentos e áreas afins. Considerando que, em nossa sociedade, tem-se a predominância de ouvintes, e que esses priorizam a linguagem oral, o processo ensino-aprendizagem do sujeito surdo fica prejudicada. (VIDAL et al. 2016, apud BARROS, 2019, p. 21)

Vamos refletir então...

Diante de tudo que já foi exposto, verificar quais ações estão sendo realizadas no sentido de garantir o acesso e a permanência dos alunos surdos na instituição, e se essas ações contribuem para o desenvolvimento intelectual, educacional, social e profissional do mesmo, passa a ser de extrema importância.

CAPÍTULO 5

SUGESTÕES

Caro professor, estamos chegando ao fim de nosso material informativo... esperamos que esta cartilha te ajude na função de promover a verdadeira inclusão para o estudante surdo no ambiente escolar. Antes porém, faça uma reflexão sobre o pensamento abaixo e em seguida confira as sugestões de filmes e livros que separamos para você.

“A inclusão é uma inovação que implica um esforço de modernizar a natureza atual da maioria de nossas escolas. Isso acontece à medida que as instituições de ensino assumem que as dificuldades de alguns alunos não são apenas deles, mas resultam, em grande parte, de como o ensino é ministrado e de como a aprendizagem é concebida e avaliada” (MANTOAN, 2015).

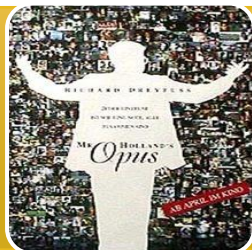
Cine Professor

E então? Está interessado em aprender um pouco mais sobre a pessoa surda? Que tal um filminho para relaxar e aprofundar sua aprendizagem? Fica tranquilo, são filmes bem bacanas!



A música e o silêncio

- Martin (Howie Seago) e Kai (Emmanuelle Laborit) são os pais de Clara (Tatjana Trieb), uma menina que passa a infância interpretando conversas para os pais que são surdos, já que ela escuta e é fluente na língua dos sinais. Clara se apaixona por música após ganhar um clarinete da tia, e se insere no mundo da música, que seus pais não podem participar.



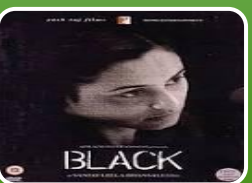
Adorável Professor

- Em 1964 um músico (Richard Dreyfuss) decide começar a lecionar, para ter mais dinheiro e assim se dedicar a compor uma sinfonia. Inicialmente ele sente grande dificuldade em fazer com que seus alunos se interessem pela música e as coisas se complicam ainda mais quando sua mulher (Glenn Headly) dá luz a um filho, que o casal vem a descobrir mais tarde que é surdo.



Querido Frankie

- Frankie não conhece seu pai porque sua mãe, Lizzie, fugiu do homem violento quando Frankie era apenas um bebê. Em vez de dizer a verdade para seu filho surdo, ela inventa uma mentira elaborada dizendo que seu pai é um marinheiro mercante no navio Accra.



Black

- Black é um filme indiano de 2005 falado em hindi e inglês indiano dirigido por Sanjay Leela Bhansali. Gira em torno de uma garota surdo-cega e seu relacionamento com o professor que mais tarde se desenvolve a doença de Alzheimer



A linguagem do coração

- Final do século XIX, França. Marie Heurtin (Ariana Rivoire) é uma moça que nasceu cega e surda. Vivendo em seu próprio mundo, sem conseguir se comunicar, o pai dela a manda para um convento que cuida de crianças surdas. Entretanto, devido à falta de condições para tratá-la, a madre superiora (Brigitte Catillon) a recusa. Graças à insistência da freira Marie Margueritte (Isabelle Carré), que diz que pode cuidar dela apesar de seu problema de saúde, a madre superiora volta atrás em sua decisão. Só que fazer com que Marie aprenda questões básicas de higiene e convívio com outras pessoas não é uma tarefa nem um pouco fácil.



O milagre de Anne Sullivan

- Baseado na vida real de Helen Keller, o filme conta a comovente história de Anne Sullivan, uma persistente professora cuja maior luta foi a de ajudar uma menina cega e surda a adaptar-se ao mundo que a rodeava. O inevitável confronto com os pais de Helen, que sempre sentiram pena da filha, mimando-a, sem nunca lhe terem ensinado algo concreto, é abordado durante o filme.

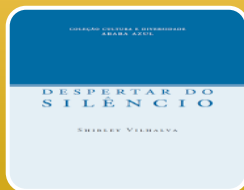
Professor leitor

Você é daquelas pessoas que curte uma boa leitura? Pensando em você e em nossa temática selecionamos alguns livros sobre indivíduo surdo e sua educação. Os títulos relacionados abaixo estão disponíveis para download e ao lado segue a fonte de cada um deles e seus respectivos autores.



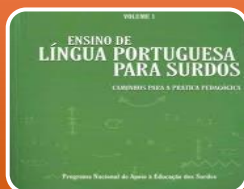
O grito da gaivota

- https://drive.google.com/file/d/0B8U1A_qJZ0UtVUNYZ1F0QUhKLWs/view?pref=2&pli=1
- Emmanuelle Laborit



Despertar do Silêncio

- <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Despertar-do-Silencio.pdf>
- Shirley Vilhalva



Ensino da Língua Portuguesa para alunos surdos

- <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Ensino-da-Lingua-Portuguesa-para-surdos-Caminhos-para-a-pratica-pedagogica-vol-1.pdf>
- Heloísa Maria Moreira Lima Salles /Enilde Faulstich /Orlene Lúcia Carvalho /Ana Adelina Lopo Ramos



Estudos Surdos I

- <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Estudos-Surdos-I-ParteA.pdf>
- RONICE MÜLLER DE QUADROS



Ideias para ensina Português para surdos

- <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/ideias-ensinar-portugues-alunos-surdos.pdf>
- Ronice Müller de Quadros e Magali L. P. Schmiedt



Os papéis da intérprete de Libras na sala de aula inclusiva

- <https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Os-papeis-do-Interprete-na-sala-de-aula-inclusiva.pdf>
- EMELI MARQUES COSTA LEITE

BIBLIOGRAFIA

BARROS, Maria Patrícia Lourenço. **Desafios na formação docente para a inclusão de surdos no IF Sertão – PE Campus Salgueiro**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia, 2018.

CAMPELLO, A. R. **Aspectos da visualidade na educação de surdos**. Tese de doutorado. Florianópolis, UFSC, 2008.

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez**. Brasília: MEC, 2007.

FONSECA, Ricardo Lopes; TORRES Eloiza Cristiane. **Adaptações na Prática do Ensino de Geografia para Alunos Surdos**. Adjustments in Practice Teaching for Deaf Students. Geografia (Londrina) v. 23, n.2. p. 05-25, jul/dez, 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de; SANTOS, Lara Ferreira dos (orgs). **Tenho uma aluno surdo e agora?** Introdução à Libras e educação de surdo. São Carlos: EdUFScar, 2018.

NEHLS, Layra Fatima. **Um olhar sobre o Interpretete de Libras, o Aluno Surdo e o Professor no Contexto da Sala de Aula Inclusiva**. Monografia do Curso de Graduação em Letras Libras. Joinville. Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa / Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos - Brasília : MEC ; SEESP, 2004.

PDI/Plano de Desenvolvimento Institucional do IF Sertão-PE (2019/2023) 253p. Disponível: <https://www.ifsertao-pe.edu.br>. Acesso em: 02/2019.

SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças** – 8 ed. Porto Alegre Mediação, 2016.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 4. Ed. 1 reimp. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2018.

ZATTA, Célia Inez; AGUIAR, Waldiney Gomes. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia**. [online] Disponível na internet via WWW. URL: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf> arquivo capturado em 28 de março de 2020.

As tecnologias e a educação de alunos surdos. [online] Disponível na internet via WWW. URL: <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/as-tecnologias-educacao-alunos-surdos.htm> arquivo capturado em 28 de março de 2020.

Blogs/sites/portal

<http://ufscarlibras.blogspot.com/2016/05/sugestoes-de-livros-sobre-surdez.html>

<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-269181/>

<https://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/livros.php>

<https://pixabay.com/pt/photos/pergunta-ponto-de-interroga%C3%A7%C3%A3o-ajuda-2309037/>

www.portal.mec.gov.br/programa/incluir

www.portal.mec.gov.br/secretaria-de-educacao-continuada-alfabetizacao-diversidade-e-inclusao/legislacao

<https://www.dicio.com.br/>